

Auto Pastoril Português **de Gil Vicente**

FIGURAS: Caterina, Joane, Fernando, Madanela, Afonso, Inês, Margarida, Clérigos.

O seguinte Auto foi representado ao muito alto e poderoso Rei nosso Senhor Dom João terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Évora pelo Natal, era do Senhor de 1523.

Entra primeiramente hum lavrador, per nome Vasco Afonso, e diz:

Pois que já entrei aqui,
não se me escusa falar.
Eu sou d'além de Tomar,
e casei em Almeirim,
ali mesmo no lugar.
Agora, agora, agora
esta doma que lá vai
soma que casei embora
sem licença de meu pai;
e diz que a não quer por nora.

E seu pai er assi,
porque se casou furtada,
nem chique nem mique, nem nada
dão a ela nem a mi, assi
pola desnevada.
De maneira,
qu'eles tem birra de nós,
dizem que nem giesteira,
pois que nos casamos sós;
não temos na panasqueira.

Porém amor lhe tenho eu,
e ela samicas a mi,
que ela o diz soma assi;
– porque ela não tem de seu,
meu pai deu-me, e eu fugi. –
E juramento faço ós céus,
que deram tantas a enha esposa,
qu'he pera dar graças a Deus;
porque bem como raposa
lhes tiraram a ela os véus.

Ora o nosso cura er,
porque se paga d'ela,
e sequaes andou com ela,

soma vonda que não quer
 receber-nos a mi e a ela.
 Mas raivar,
 que já recebidos semos:
 entro bem no seu linhar
 todos os verbos dissemos,
 que se dizem ó casar.
 Diziam a nu lá deles,
 que quem casa por amores não
 vos he nega dolores;
 em perol, que sabem eles?
 Deus faz dos baixos maiores.
 Aguardai.

Digo agora que casei
 sem licença de meu pai
 e d'enha mãe: eu herdarei,
 ou sabeis como isto vai?

A mim dizem-me que não;
 e s'é daquela maneira,
 não herdo eira nem beira.
 Mas não semelha razão,
 mas sinifica cenreira;
 que se fora a cachopa peca ou charra.
 ou algüa zanguizarra,
 preguiçosa ou comedora,
 que bradassem muito embora.

Mas tais vos fossem assim
 as pulgas da vossa cama.
 Soma abonda que minh'ama
 me dixе lá em Almeirim,
 (não sei como s'ela, chama)
 – vai, sandeu,
 a Élvora por alvaral
 d'elrei, que te dêem o teu,
 como passar o Natal. –
 E a isto vinha eu.

E hum Gil... hum Gil... hum Gil...
 que má retentiva hei,
 (hum Gil... já não direi:)
 hum que não tem nem ceutil,
 que faz os aitos a elrei,
 ele me fez,
 e tirou de minha aquela,
 muito inda em que me pez,
 que entrasse cá na capela
 previcar hum antremez.

Aito cuido que dezia,
 e assi cuido que he:
 mas não já aito, bofé,
 como os aitos que fazia,
 quando ele tinha com que.
 Mas o mundo
 he já de gorgomelado;
 todo bem se vai ó fundo:
 o dinheiro anda acossado,
 e o prazer vagabundo.

Abonda: entrarão porém
 treze trolocutores;
 estes são todos pastores:
 da Serra d'Estrela vem
 em preito com seus amores.
 Atimar.
 Entrará Branca falando
 com Inês; ambas a par
 cantando de quando em quando,
 e ás vezes suspirando
 entre cantar e cantar.

Entrará enha sobrinha,
 e Constança das Ortigas,
 que em todo o val das Corigas,
 nem na vila mui asinha,
 não jazem tais raparigas.
 E, como entrar,
 sairá a bailar Valejo,
 o galinheiro que em Tomar
 chamava ao coelho – *conejo*;
 esse mesmo ha de bailar.

E por festa a Ramalhoa
 bailará com Pêro Luz,
 vestido no seu capuz;
 e farão a entrada boa
 do bailo c'o sinal da cruz.
 Pé-de-ferro,
 bofá hum bom escudeiro,
 bom homem lá per seu erro,
 ledó, humilde, prazenteiro,
 salvos nega se m'eu erro;
 este sairá a terreiro
 com hũa regateira baça,
 que, quando vende na praça,
 tange ás vezes hum pandeiro.
 Estes ambos terão graça.

A cristaleira,
 e o almotacel pequeno
 bailarão à derradeira,
 e tanger-lhe-á o Moreno,
 que sabe os bailos da Beira.

Frades virão vinte e sete,
 que vem de furtar melões;
 e virão três hortelões,
 que trarão preso hum grumete
 sem jaqueta nem calções.
 E acabado
 que os frades todos andarem
 hum contrapasso trocado,
 e os outros atimarem,
 será o aito atimado.

Entra Caterina pastora, cantando, com o gado.

CATERINA – «Tirai os olhos de mim,
 «minha vida e meu descanso,
 «que me estais namorando.»
 Cha cha cha, raivaram elas:
 Samicas doudejais vós?
 s'eu lá vou, veremos nós
 se sondes cabras, s'aquelas.
 O Decho se chantou nelas!
 cha cha cha, reira de morte.
 Nem no mato, nem na córte,
 não pode o Decho co'elas.

«Tirai os olhos de mim,
 «minha vida e meu descanso,
 «que me estais namorando.»

«Os vossos olhos, senhora,
 «senhora da formosura,
 «por cada momento de hora
 «dão mil anos de tristura:
 «Temo de não ter ventura,
 «vida, não m'esteis olhando,
 «que me estais namorando.»

Vem Joane, e diz:

CATERINA – A que vens, Joane, cá?
 JOANE – Bofás samicas não sei.
 Est'outra doma te catei
 casuso, e não eras lá;
 perguntei a ta mãe por ti.

CATERINA – Tu a minha mãe por mi?
 JOANE – A bem, digo; – qu'he de Catalina? –
 e ela estava mofina,
 disse-me; – e que lhe queres assi? –

Bem sei eu já ela aventa
 qu'ando eu contigo à choca;
 que quando t'eu trougue a roca
 j'ela estava rabugenta.
 CATERINA – Não te empaches de mim, não.
 Cha cha cha, demoninhadas.
 JOANE – Pois sicais te quero a osadas
 grande bem, se vem à mão.

Sempre eu hei de ser contigo
 lá detrás da casa ó sol.
 CATERINA – Joane, vai fazer prol:
 que tens tu de ver começo?
 Jesu! como me amofina!
 JOANE – já tu aqui es, Catalina,
 com tua destempera?
 CATERINA – Si:
 ora vai-te aramá d'hi.
 JOANE – Alguem t'a ti empipina.

CATERINA – Quem m'ha a mim d'empipinar?
 JOANE – Pôde ser qu'algúem te engane.
 CATERINA – Digo que te vás, Joane,
 que não te quero escutar.
 Cuidas tu que sam menina?
 JOANE – E dei-t'eu a roca, Catalina,
 e subi em cima da pereira,
 e tu agora à derradeira
 jogas começo almolina!

CATERINA – Que fallas, ou que has corrítego,
 que tudo isto não te presta?
 JOANE – Pardeos, forte birra he esta,
 que tomaste hoje começo!
 porqu'es má dia entirrada?
 eu não quero de ti nada,
 senão abraçar como amiga.
 CATERINA – Quem te desse húa grã figa
 nos olhos bem pespegada!

JOANE – He essa a tua saia nova?
 mostra cá a ver que lan tem.
 CATERINA – Joane!
 JOANE – Catalina!
 CATERINA – ora bem,

o demo t'a ti faz a cova.

JOANE – Tomai lá! esta vos he ela!

CATERINA – Tal foste com Madanela,
e sempre chufou de ti:
pois qu'esperas tu de mi,
que sam mais valente qu'ela?

JOANE – O Dexemo que t'eu digo,
que porque isso he já sabido,
ando eu assi transido,
e o demo anda começo.
Renego ora d'enha mãe,
porque as lagrimas me saem
o dia que te não vejo;
e tu tens-me tal enteço,
que os esp'ritos se me caem.

CATERINA – Choros maus chorem por ti:
quem te manda a ti chorar?

JOANE – Tu m'has de fazer botar
mui cedo per esse chão per hi.
Não sejas ora entirrada,
Catalina minha dama;
que cedo hei d'ir à feira,
e eu farei de maneira
que tu sejas bem toucada.

Não m'arrarão alfenetes,
e também enxaravia.

CATERINA – Aperfia tu, perfia,
que c'o Dexemo te metes.

JOANE – Que cachopa esta, e que vida!

CATERINA – Cuidas que sam Margarida,
que andavas pola chufar?

JOANE – Eu?

CATERINA – a bem.

JOANE – Atimar.

CATERINA – Mas vai-te co'a ma ida.

JOANE – Cant'eu não sei que te fige,
que tal escandola me tens.

CATERINA – Mas não sei a que cá vens;
que a ninguém tanto mal quige.

JOANE – Por bem querer, mal haver.

CATERINA – Ora tens bem de comer.

JOANE – Isso he foscas mui asinha,
por me meter rebentinha;
mas perol não t'hei de crer.

CATERINA – Vai, vai, Joane, bugiar,

não andes como alpavardo.

JOANE – Viste já o meu saio pardo?

Se m'o vês lias de raivar,
que m'está tão bem, tão bem
que demo he isto? dirás tu.

CATERINA – Oh como es parvo! Jesu!
não fales ante ninguém.

JOANE – Oh! comendo ó demo a vida
a que a eu arrepincho!

Catalina, se me eu incho,
paresta que me vá de ida.

A Índia não está hi?
que quero eu de mi aqui?
melhor será que me vá.

CATERINA – E a mi que se me dá?
Eis Fernando vem ali.

Entra Fernando, e diz:

CATERINA – Venhas embora, Fernando!
eu t'esperei à portela.

FERNANDO – Parece cá Madanela?

CATERINA – Spera que a andas buscando!
já me tu a mi estejaste?

JOANE – Ah si, Catalina?

FERNANDO – tu vás-te
andar polos chavascais.

JOANE – Ah! si, Catalina?

CATERINA – ora nó mais;
avonda que me leixaste.

JOANE – Ah! si, Catalina?

FERNANDO – Não diz
pera hu foi Madanela.

CATERINA – Porque perguntas por ela?

FERNANDO – Porque a fortuna quis.

CATERINA – Dores de morte te dêem!

JOANE – Ali si, Catalina? Ora bem,
se xe m'eu isso soubera,
nunca t'eu a roca dera,
que trougue de Santarém.

(Madanela de longe)

MADANELA – Ai Catalina! Catalina!

FERNANDO – Aquela te he Madanela

CATERINA – Hou!

FERNANDO – pera cá vem ela.

JOANE – Mui grande he minha mofina!

olha cá pera ond'estou.
 CATERINA – Ó diabo que t'eu dou!
 JOANE – Amen, que m'eu encomendo,
 e não m'estarei moendo
 na desenteria em que estou.

Vem Madanela, e diz:

MADANELA –Afonso parece cá?
 Eu não sei onde ele anda.
 FERNANDO – Inda dura essa demanda?
 MADANELA –Inda dura e durará.
 FERNANDO – Oh caiso mal comedido!
 ando eu por ti perdido,
 e andas-me assoviando.
 CATERINA – Queres tu do pão, Fernando?
 FERNANDO – Estarei bem aviado,
 e muito bem corregido.

MADANELA –Viste Afonso, Catalina?
 CATERINA – Sabes tu onde ele s'ia?
 FERNANDO – Não lh'o digas.
 MADANELA –Que perfia.
 de Fernando e de mofina!
 FERNANDO – Grande ódio me tem.
 JOANE – E Catalina a mi também.
 MADANELA –Catalina, onde estava ele?
 CATERINA – Ei-lo vem: não he ele aquele?
 JOANE – Aquele he ele, que ali vem.

Vem Afonso, e diz:

MADANELA –Afonso, venhas embora.
 Não vejo eu Inês aqui.
 MADANELA –Olha, olha pera mi,
 que não sam feia ma ora.
 AFONSO – Viste-me Inês cá andar?
 CATERINA – Casuso, a vi eu estar
 AFONSO – Naquele outeiro?
 CATERINA – A bem.
 AFONSO – Preguntou-te por alguém?
 CATERINA – Por Joane.
 AFONSO – Ora andar.
 Por mi não perguntou nada?
 CATERINA – Não
 AFONSO – Raiva moída!
 CATERINA – Por Joane he ela perdida.
 JOANE – Está ela logo enganada.

(de longe)

INÊS – Catalina! Ai Catalina!
 CATERINA – aquela he ela que retina.
 Inês, vem cá, mana, vem.
 JOANE – Se tu me quiseras bem,
 não na chamaras, malina;
 mas do malquerer te vem.

Vem Inês, e diz:

AFONSO – Venhas embora, Inês!
 INÊS – Joane, queres belotas?
 mais quero eu ás tuas botas
 qu'a dous Afonsos nem três.
 JOANE – Oh Catalina!
 CATERINA – oh Fernando!
 FERNANDO – oh Madanela!
 Mad oh Afonso!
 oh quando, quando
 me quererás algum bem!
 AFONSO – Oh Inês! quanto mal
 tem esta -maleita, em que ando!

INÊS – Oh Joane! quão amiga
 que sam do teu bom doairo!
 JOANE – Se não tens outro reparo,
 cant'eu não sei que te diga.

FERNANDO – Isto chamam amor louco,
 eu por ti e tu por outro.
 Rogo-te aramá, Madanela,
 pois ma ora te vi, e nela
 que m'escutes ora hum pouco.

Porque alгорrem se m'entende,
 eu a doma que passou
 este braço me ganhou,
 emperol gansei perende
 abonda que hum de cem,
 hum de cem e hum vintém.
 Meu pai er tem bem de seu,
 e não tem filho, nega eu:
 está atente cá, Madanela,
 vem agora a Pascoela,
 casemo-nos tu e eu.

MADANELA –Catalina he minha amiga,
 sei que se paga de ti.
 CATERINA – Fernando, por meu mal te vi,
 como lá diz a cantiga.

JOANE – Oh! comendo ó Decho a praga!
gingrai lá com tais cachopas,
leix'as quem de ti se paga.

CATERINA – E tu porque não faes, sopas
com Inês, pois que te afaga?

INÊS – Agora lhe fio eu
hũa camisa de linho.
Queres, Joane, toucinho
com pouco de pão do meu?

AFONSO – E a mi raiva que me aperte.

INÊS – Vai-te, que não quero ver-te:
não tens tu aí Madanela?

Fala, fala tu co'ela.

O diabo dou a morte:
como he partuno, Jesu!

MADANELA – Afonso.

AFONSO – Pesar ora de São Pego!

MADANELA – E assi o faes tu começo?

Bofá! ansi mau és tu ?

Não sei que houveste contego.

FERNANDO – Maus lobos m'acabem já!

CATERINA – Guarde-te Deus earamá:

pois que seria de mi!

mas casemo-nos eu e ti.

JOANE – E Joane raivará?

Pois, pardeos, bem te servi,

Começo seja essa dança,
não andes assi do vento.

CATERINA – Toda m'ora eu arrebento
pola tua maridança.

AFONSO – Sabes, Joane, que façamos?

Vamo-nos todos três.

JOANE – Vamos,

e busquemos outras três.

Eu te farei a ti, Inês,

que me jejües os ramos.

Vem Margarida, pastora, que achou hũa imagem de nossa Senhora, e trá-la escondida n'hum feixe de lenha, e diz:

Ai, manas, que eu achei!

CATERINA – Onde?

MARGARIDA – Na serra em cima.

MADANELA – Que he, Margarida prima?

MARGARIDA – Quasi, quasi não o sei.

INÊS – Chufas?

MARGARIDA – Não, pardeos, amigas.

CATERINA – Rogo-te que nô-lo digas.
 MARGARIDA – Mas he pera adivinhar;
 o e quem quer que o acertar,
 eu a fartarei de migas.

INÊS – Será algum cogumelo?
 MARGARIDA – Não, que tem olhos e mãos.
 CATERINA – São caçapos temporãos.
 MADANELA – Mas samicas pesadelo.
 CATERINA – Onde o trazes?
 MARGARIDA – Na lenha.
 CATERINA – He raposo, Deus mantenha.
 MARGARIDA – Si raposo; teu pai torto.
 INÊS – Ouriço cacheiro morto.
 MARGARIDA – Não he cousa que pele tenha.

MADANELA – Mas sabeis que he leitão,
 que tem couro e não tem pele?
 MARGARIDA – Leitão? isso vos era ele.
 INÊS – Ele não ha de ser cão.
 MARGARIDA – Nem ave, nem cousa viva
 nem morta.
 CATERINA – Ó cativa!
 e tem pés e mãos e olhos?
 MARGARIDA – E narizes e gíolhos;
 nam, he cousa mansa nem esquiva.

CATERINA – Rogo-te que digas que he,
 que isso parece patranha.
 MARGARIDA – Tenho-a eu por façanha,
 e não pequena, abofé.
 CATERINA – Não o dessengules mais.
 MARGARIDA – Se atentegas estais,
 muito asinha vos direi
 o que vi e que achei,
 com, tanto que me creais.

Chegando à Pena furada,
 àquem da Virgem da Estrela,
 achei ser hũa donzela,
 bofá donzela dourada:
 e como a vi, como digo,
 saltou tal tremor comigo,
 porque ela reluzia,
 que estava se fugiria;
 tal claror tinha consigo.

E hum menino brincando
 com seis ou sete donzelas;
 santas pareciam elas.

MADANELA – Isso seria sonhando.
 MARGARIDA – Mas antes bem acordada.
 não me quereis vós crer nada?
 CATERINA – Dize, dize, Margarida.
 MARGARIDA – Pois chufa tu, Madanela,
 que nossa Senhora era ela!
 CATERINA – Oh!
 MARGARIDA – por minha vida.

Assim seja eu bem casada,
 e Deus se lembre de mim.
 CATERINA – Que te dixe, mana, em fim?
 MARGARIDA – Chamou-me, bem assombrada,
 e eu queria chorar,
 e ela foi-me afagar
 CATERINA – É que te dixe despois?
 MARGARIDA – Que deixasse andar os bois,
 e que me fosse ao lugar.

E fosse ao nosso cura, e digo
 que vi a Virgem Maria,
 e que ela lhe prometia
 de lhe dar hum bom castigo,
 que oras nunca lhe rezou,
 nem dela soes se acordou.
 FERNANDO – Houveras-lhe de dizer
 que não lhe escapa mulher.
 INÊS – ó demo que o eu dou!
 eu vos direi: he ele tal
 que a filha de Janafonso
 foi-lhe pedir hum responso,
 e ele falava-lhe em al.
 AFONSO – Alguns deles vão per hi,
 e na estremadela assi
 não lhes fica moça boa.
 JOANE – Bom machado na coroa,
 que ficasse logo ali!

FERNANDO – Seixo calvo.
 AFONSO – Mas setada.
 MADANELA – Arrocho d'azambugeiro.
 CATERINA – Mas pousada de palheiro,
 e fogo, e a porta fechada.
 AFONSO – Mas bom feixe lagariço.
 INÊS – Penedo.
 MADANELA – Trama.
 CATERINA – Sumiço.
 MARGARIDA – Eu quero-o ir avisar,
 cá lhe cumpre de rezar,
 e tomar-se a seu serviço.

Par esta cruz, manas minhas,
qu'ela está dele assanhada.

INÊS – Oh Virgem nossa avogada
que os gados encaminhas!

CATERINA – Quem m'a vira!

INÊS – Quem lá fora!

MADANELA – Tu, prima, naceste embora.

MARGARIDA – Se viras o cachopinho,
tão fermoso e sesudinho,

filho de nossa Senhora!

tudo eu hei de dizer

ao nosso cura tá ó cabo,

e ó priol.

INÊS – Esse diabo

nunca te ha de querer crer.

AFONSO – E do priol disse algorrém?

o MARGARIDA – Não falou nem mal nem bem.

JOANE – Também ele he bom piloto,

AFONSO – Mas he valente minhoto,

qu'apanha as frangas mui bem.

JOANE – Dou já ó Decho o reixelo.

FERNANDO – E Pêro Gil, capelão,
que lhe dizes?

JOANE – Que varão!

como lh'elas vem a pelo,

nenhüas lhe escaparão.

AFONSO – E Janafonso Altos-pés?

FERNANDO – Também esse he bom freguês,
e muito gamenho zote.

JOANE – Ontem lhe dei eu hum mote

sobr'isso, bem português.

Vão-se earamá casar,
e não andar de soticapa.

juro a Deus, s'eu fora papa,

eu lhes secara o cantar.

MARGARIDA – Não me bula aqui ninguém

neste meu feixe de lenha;

atá que eu vá e venha

não veja ninguém qu'aqui vem.

Porque eu vou a chamar,
que venham com devação
os melhores do lugar
a levar em procissão
o que a Virgem me quis dar.

Vai-se.

AFONSO – Cant'eu não me posso ter,
vejamos o que isto he.

JOANE – Vejamos por tua fé,
que grã cousa deve ser.

Desata Afonso o feixe e diz

AFONSO – Ela omagem m'afegura,
oh Senhora Virgem pura!

CATERINA – Quem vos trougue a esta serra?

FERNANDO – Ponde os gíolhos em terra.

AFONSO – Ponhamo-la nesta verdura.

E posta a imagem, diz

JOANE – Pois não sabemos rezar,
façamos-lhe hũa chacota,
porque toda a alma devota
o que tem, isso ha de dar.

FERNANDO – Façamos, que bem será.

CATERINA – Joane, fir-te tu lá.

Dá-me tu a mão, Fernando.

FERNANDO – Nisso estava or'eu cuidando.
Madanela, vem tu cá.

MADANELA – Com Afonso quero eu.

AFONSO – Inês mana, eu contigo,
que nunca tão grande amigo
em tua vida tens de teu.

INÊS – Porque andas bugiando?

MADANELA – Ora fuge lá, Fernando.

JOANE – Onde não ha concordança,
não ha hi festa nem dança:
nem estemos perfiando.

Vem Margarida com quatro Clérigos, e diz

FERNANDO – Oh corpo de Deus sagrado!
quanto zote que cá vem!

MARGARIDA – Não quisestes vós perém
conceder no meu mandado?

Ora seja já embora.

Padres, vedes a Senhora
que eu achei bem acasuso.

CLÉRIGO – Jesu! eu estou confuso!

2º CLÉRIGO – Deus te salve, Emperadora!

HIMNO O GLORIOSA DOMINA

rezado a versos pelos Clérigos à imagem de Nossa Senhora

«Ó gloriosa Senhora do mundo,
 «excelsa princesa do céu e da terra,
 «fermosa batalha de paz e de guerra,
 «da santa Trindade secreto profundo!
 «Santa, esperança, ó madre d'amor,
 «ama discreta do filho de Deus,
 «filha e madre do Senhor dos Céus,
 «alva do dia com mais resplendor!
 «fermosa barreira, ó alvo e fito,
 «a quem os profetas direito atiravam!
 «a ti, gloriosa, os Céus esperavam,
 «e as três pessoas hum Deus infinito.
 «ó cedro nos campos, estrela no mar,
 «na serra ave Fénix, hũa só amada,
 «hũa só sem mácula e só preservada,
 «hũa só nacida, sem conto e sem par!
 «do que Eva triste ao mundo tirou
 «foi o teu fruto restituidor;
 «dizendo-te *ave* o embaixador,
 «o nome de *Eva* te significou.
 «Ó porta dos paços do mui alto Rei,
 «câmara cheia do Spírito Santo,
 «janela radiosa de resplendor tanto.
 «e tanto zelosa da divina lei!
 «Ó mar de ciência, a tua humildade,
 «que foi senão porta do céu estrelado?
 «Ó fonte dos anjos, ó horto cerrado,
 «estrada do mundo pera a divindade,
 «quando os anjos cantão a glória de Deus,
 «não são esquecidos da glória tua;
 «que as glórias do filho são da madre sua,
 «pois reinas com ele na corte dos Céus.
 «Pois que faremos os salvos por ela,
 «nacendo em miséria, tristes pecadores,
 «senão tanger palmas e dar mil louvores
 «ao Padre, e ao Filho e Espírito, e a ela!

(Aqui ordenam sua chacota; e a letra da cantiga he a seguinte).

TODOS

«Quem he a desposada?
 «a Virgem sagrada.
 «Quem he a que paria?
 «A Virgem Maria.
 «Em Belém, cidade
 «muito pequenina,
 «vi hũa desposada

«e Virgem parida.

«Em Belém, cidade
 «muito pequenina,
 «vi hũa desposada
 «e Virgem parida.,
 «Quem he a desposada?
 «A Virgem sagrada.
 «quem he a que paria?
 «A Virgem Maria.

«Hũa pobre casa
 «toda reluzia,
 «os anjos cantavam,
 «o mundo dizia:
 «Quem he a desposada?
 «A Virgem sagrada.
 «Quem he a que paria?
 «A Virgem Maria».

E com esta chacota se despediram.

LAUS DEO.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
